



Alberto Pucheuⁱ

SOBRE SÓIS, IMPERADORES, NÓS E CEREJEIRAS AO VENTO
(depois de assistir *O sol*, de Aleksandr Sokurov)

para não dizer nada,
é preciso estar
preparado para tudo,
para receber tudo
e qualquer coisa –
seja o que for –
em troca do nada dito,
é preciso de fato
estar preparado
para não dizer nada
e receber tudo
e qualquer coisa –
seja o que for –
em troca, quando se sabe
tudo (ou quase tudo)
o que está em jogo
em uma conversa, é preciso
estar preparado
para poder dizer
tendo a sabedoria
de não dizer nada,
é preciso uma arte,
uma arte de saber
não dizer nada
justamente porque se está
preparado para tudo
e para qualquer coisa –
seja o que for –
em troca do nada dito,
essa arte de não dizer
nada, quando se está
preparado para tudo

e para qualquer coisa
seja o que for,
é uma arte de palavras
que não dizem nada,
de palavras medidas
e pensadas milimetricamente
para conseguirem,
a cada momento,
instante após instante,
ao invés de dizerem algo,
como, por exemplo,
o mais importante,
não dizerem nada,
não dizerem absolutamente
nada, não dizerem,
mas é uma arte também,
além de das palavras,
de gestos do corpo
que, como as palavras,
estão ali exatamente
para não dizer nada,
eles estão ali,
os gestos e as palavras,
tão somente
para conseguir
não dizer nada,
em outras palavras,
para dizerem o gesto
de que se está
preparado para tudo
e para qualquer coisa,
quando nada mais
resta a ser feito.

A TESTEMUNHA

Quando me sentaram na cadeira
com a pequena mesa sobre a qual se erguia um microfone,
imediatamente em frente ao meu olhar,
para que eu não tivesse como não o ver
(apesar de ele não ter cruzado seus olhos com os meus
por nenhum segundo),
mais alto, entretanto, do que o lugar em que eu me encontrava,
de maneira que, para olhar para ele,
eu tinha de erguer os olhos,
como se ergue os olhos em uma igreja
para ver o púlpito,
ainda que ele não rebaixasse seu olhar
para olhar o meu,
ele com beca ao centro da mesa imponente,
à sua direita, a promotora e, de seu outro lado,
o escrevente manuseando por vezes um computador,
eu, também ao centro, mas abaixo dele,
abaixo deles, de frente para ele, cara a cara com ele
e, com leve movimento lateral que eu fazia da cabeça,
com ela, a promotora, e, pelo outro lado,
com o escrevente, que não me chamava tanta atenção,
vi que, ao centro, acima dele,
no ângulo reto que a parede
fazia com o teto, uma câmera me filmava
e que, abaixo dela, também ao centro,
em uma altura intermediária entre ela
e a cabeça dele, uma televisão mostrava
o que a câmera filmava, eu, no primeiro plano, ao centro,
atrás de mim a sala grande, cheia, os réus,
seus familiares, seus amigos, seus advogados
e outros curiosos que ali se encontravam,
a televisão mostrava todos nós,
mas não o mostrava, como se também dele
não se pudesse haver imagem, como se a imagem
dele fosse interdita, ele, o sem imagem
dentro do que a câmera filmava
e a televisão mostrava, eu tenso,
sem saber do tempo que passava,
escuto a voz dele soando pela primeira vez
pelas caixas de som, adentrando o meu ouvido,
como se fosse uma voz soando sem sentido,
ou melhor, como se, do sentido do que ele dizia,
eu guardasse apenas a palavra “juramento”,

achando que eu deveria então jurar
que diria a verdade, apenas a verdade,
nada mais do que a verdade, foi quando
eu disse “sim”, mas, então,
com certo constrangimento, dei-me conta,
pelo burburinho, de que não era para ter dito “sim”
nem “juro” (que evitei dizer por não acreditar em Deus,
ao menos, no que se entende por Deus
de modo geral e nessas horas de juramento),
e, ao me dar conta do impasse em que caíra
achando que eu teria de jurar, achei-me ingênuo
– como se ele, logo ele, acima de mim,
tivesse de ter, de mim, a confirmação
de meu juramento, claro que não,
claro que ele não estava me perguntando nada,
ao contrário, estava apenas me avisando
de que eu, querendo ou não, dizendo “sim”
ou não, dizendo “juro” ou não,
já estava sob juramento, diante dele
ao centro, acima de mim, diante da câmera
ao centro, acima de mim, diante da televisão
ao centro, acima de mim – diante de meu impasse,
sem saber o que fazer para me livrar dele,
escuto uma outra voz falando pelo microfone,
de modo que girei meu tronco e minha cabeça
para a lateral direita, em uma linha oblíqua a mim,
olhando nos olhos de quem descobri então ser
o advogado de defesa que também me olhava
e me perguntava, fazendo-me falar
ao microfone à minha frente, meio torto,
olhando para ele, respondendo como podia
às suas perguntas, de maneira que,
a partir de então, não olhei mais para aquele
que, diante de mim, ao centro, acima de mim,
não me olhara por nenhum segundo.

MERCADO VER-O-PESO (BELÉM)

peixes mortos, aos montes,
de rio e de mar, exalam
o que não são mais seus cheiros,
pois seus cheiros são cheiros
de vida, de dentro da água
na qual deslizam,
fazendo intensos barulhos
que, como seus cheiros,
cheiros e barulhos aquáticos
de vida, não somos capazes
de sentir, mas, mesmo sem os peixes
exalarem seus cheiros,
há um cheiro exalando no ar,
não cheiro de peixe, cheiro
da morte do que um dia foi
peixe, da morte do que um dia
chamamos de peixe sem saber
o que é peixe, sem saber o que é
o cheiro do peixe, cheiro
da morte que exala esse cheiro
do que não sabemos
o que é - cheiro da morte
do peixe -, fazendo-o
esbarrar no ar, no chão
de cimento, nas peles,
nos ossos, nas estruturas
de ferro, nos vidros
que partem com o esbarro
do cheiro da morte
do que não sabemos
o que é e chamamos de cheiro
de peixe, de cheiro
do que chamamos de peixe
morto, da morte do peixe
que eventualmente parte
os vidros, parte o coração
dos vidros, parte o coração
do passante, só não parte
o coração do que chamamos
de boi, só não parte o coração
morto, à venda, do que chamamos
de boi, que exala seu cheiro

de morto, cheiro da morte do boi,
cheiro da morte do coração morto
do boi morto, à venda, o cheiro
morto da venda do coração morto
da morte do boi quebrando
também o coração dos vidros,
o coração do passante, o coração
que sente, que cheira, que vê
o peso do cheiro da morte
(da venda) dos peixes, o cheiro
da morte (da venda) do boi,
e parte.

NA PONTA D'ALÍNGUA

por conta mesmo
das línguas dadas
nas palavras
e nas gramáticas
disponíveis
de todas as horas,
por conta de tudo
que já foi dito
e quer ser
mais uma vez redito
da mesma maneira
por quem tem
ou acredita ter
sempre algo
pronto a dizer
na ponta da língua,
na ponta d'alíngua,
a poesia é
sem palavras,
antes (mesmo
que depois)
de qualquer língua,
antes (mesmo que
depois) de qualquer
gramática.
como chegar a ela
com palavras,
como chegar
a ela com uma língua
ou com uma
gramática,
como entrar
nas palavras,
numa língua
ou numa gramática
(infalivelmente
de maneira
tortuosa,
conflitante
e momentânea),
sem saber jamais
como é dado
este acesso –
eis a questão

do poema,
eis o motivo
pelo qual o poema
encurrala
o poeta
contra o abismo,
currando-o,
até ele berrar
de prazer
chamando-o,
para quem
quiser ouvir,
de meu amor.

O VERSO DO POEMA

... nenhuma palavra nem nenhum verso cumprido
nem nenhuma frase se presta para começar um poema,
que já começou antes de qualquer palavra e antes
de qualquer verso e antes de qualquer frase. chamar,
como se por fora da palavra, de música este antes,
como já chamei, ou de murmúrio, como, se não chamei,
poderia tê-lo chamado, ou de grito, ou de uivo,
como outros já chamaram, é uma tentativa de dizer
o que precede a primeira linha articulada, mas música,
murmúrio, grito e uivo são ainda palavras a revestirem o antes,
a cobrirem com um sentido, mesmo que rompido, a cobrirem
com uma articulação, mesmo que sinalize uma fratura, a espera
desarticulada na qual me demoro. chamar ainda este antes
de um poema que não quer começar (apesar de já andar
em seu caminho) de espera ou de desarticulação
ou de pura potencialidade não deixa de ser possível
tão somente quando o poema já começou, fazendo falhar
a tentativa de dizer seu antes. o que mais posso dizer,
senão que este poema, se poema for, deu errado,
que tudo o que estava querendo não era escrever
o gavião que agora vejo pousar com elegância em uma árvore,
mas tão somente o que ocorre no vale do socavão
quando não estou nele, quando não posso vivenciar
seus acontecimentos, quando a única memória
de um agora, que passa, é o esquecimento, que me faz
terminar este escrito quando ele deveria estar começando...

ⁱ Nascido em 1966, **Alberto Pucheu** é poeta, ensaísta, professor de Teoria Literária da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Cientista do Nosso Estado, pela Faperj e pesquisador do CNPq. Entre seus livros de ensaios, consta "Giorgio Agamben: poesia, filosofia, crítica" (Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2010), "apoesia contemporânea" (Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2014) e "Kafka poeta" (Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2015); entre os de poesia, "A fronteira desguarnecida; poesia reunida 1993-2007" (Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007) e "Mais cotidiano que o cotidiano" (Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2013).